

MAI 2024 · 01

O COMUNISMO



"QUE AS CLASSES DOMINANTES TREMAM DIANTE DA IDEIA DA REVOLUÇÃO COMUNISTA!" (MARX & ENGELS)

VENHA CONSTRUIR A INTERNACIONAL COMUNISTA REVOLUCIONÁRIA

Um passo na direção da reconstrução de uma
Internacional Comunista de massas digna desse nome



Solidário: R\$ 10
Mínimo: R\$ 5



CAMPANHA “VOCÊ É COMUNISTA” MOBILIZA REVOLUCIONÁRIOS POR TODO BRASIL



Desde agosto do ano passado, dezenas de milhares de adesivos, cartazes e lambes foram fixados em postes e muros pelo país com o chamado: “Você é comunista? Então organize-se!”. Esta iniciativa internacional da Corrente Marxista Internacional (CMI) tem proporcionado um salto no crescimento da organização no Brasil e no mundo, conectando-se com a radicalização presente na sociedade, em particular na juventude.

Esta campanha continua com toda a força. Existem muitos milhares de jovens ainda a serem ganhos para a luta organizada pelo comunismo. Nos últimos meses foi realizada uma nova ofensiva de colagem de adesivos em todas as regiões do país. Abaixo, algumas imagens de ações dos militantes da Organização Comunista Internacionalista (OCI) propagando a campanha.



Militantes montam banca de materiais da OCI e colam adesivos no Rio de Janeiro.



Divulgação da campanha em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, próximo a uma escola técnica estadual.



Um grande cartaz confeccionado pelos militantes da USP, em São Paulo, para recepcionar os calouros.



Camaradas colam adesivos ao redor de escola estadual em Franco da Rocha, São Paulo.



Em Joinville, Santa Catarina, bolsonaristas arrancam nossos adesivos, mas nós colamos novamente.



Colagem de adesivos próximo à UFES em Vitória, Espírito Santo.

EXPEDIENTE	ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ORGANIZAÇÃO COMUNISTA INTERNACIONALISTA (OCI) – SEÇÃO BRASILEIRA DA CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL (CMI)				
	Site: marxismo.org.br				
	Diretor de Publicação:	Jonathan Vitorio	Contato:	jornal@marxismo.org.br	
	Serge Goulart	Capa: Evandro Colzani	Equipe:	Michelle de Sousa Vasconcellos, Aline Seitenfus, Mara Tavares, Francine Hellmann, Victor	
	Editor: Johannes Halter	Conselho Editorial:		Queiroz, Gabriel Freitas	
	Diagramação:	Alex Minoru, Caio Dezorzi,		Jornalista Responsável: Rafael Prata	
				MTB nº 40040/SP	

“O Comunismo” nasce para organizar os novos comunistas

EDITORIAL

Vivemos uma nova situação política mundial. A história não acabou, ao contrário do que os burgueses declararam na década de 1990. Pelo contrário, ela agora confunde sábios, jornalistas e políticos a serviço dos capitalistas. Mas não só eles. Esquerdas de todas as colorações se veem perdidas diante das peças que a história anda pregando, mostrando que suas análises, perspectivas e políticas valem tanto quanto o papel onde são escritas.

Onde outros veem caos, desordem e espanto, os comunistas veem a confirmação de uma antiga lição do marxismo: a luta de classes é o motor da história. A classe dominante e seu modo de produção empurram a humanidade para um futuro de miséria, sofrimento e horror sem fim. Para alcançar o equilíbrio econômico sobre bases capitalistas, a burguesia e seus funcionários provocam o desequilíbrio social e político.

As ilusões sobre a autocorreção do sistema e sobre a possibilidade de reformá-lo estão sendo pulverizadas pelos próprios capitalistas e seus agentes de direita e de esquerda. Desse cenário está surgindo uma nova geração de comunistas. Uma espécie nova de comunistas. São comunistas que se aproximam por conta própria das ideias co-

munistas. Conforme a luta de classes se amplia, mais e mais desses comunistas despertam para a luta política.

Os novos comunistas são diferentes dos antigos comunistas. Eles estão despertando para a vida política sem encontrar os partidos comunistas, social-democratas e socialistas do passado. Isso confere aos novos comunistas um caráter contraditório. Por um lado, entram na luta de classes sem os vícios e degenerações que os antigos carregavam. Por outro, são carentes da experiência de combate e das lições das vitórias e derrotas da classe trabalhadora.

Falta uma referência para os novos comunistas. As velhas organizações e partidos comunistas ou se dissolveram ou se tornaram sombras pálidas do que já foram. Eles foram desmoralizados por seus próprios atos, com os próprios burocratas soviéticos virando eles próprios capitalistas e os burocratas chineses restaurando o capitalismo sob uma ditadura. Já os social-democratas e outros reformistas queimaram seus dedos ao gerenciar o capitalismo por décadas.

O jornal “O Comunismo” nasceu para ser a referência dos novos comunistas do Brasil. Nós vamos disputar abertamente o título do comunismo. Esse nome foi roubado dos comunistas revo-

lucionários no passado, no Brasil e no mundo. Os stalinistas e seus irmãos siameses fizeram isso deixando uma trilha de cadáveres dos melhores lutadores revolucionários. Preencheram livros e panfletos com as maiores mentiras e calúnias, repetidas até a exaustão.

“O Comunismo” é o órgão de imprensa central da Organização Comunista Internacionalista (OCI). Através deste jornal os novos comunistas podem efetivar seu impulso de militar pelo comunismo. Em suas páginas serão analisados os acontecimentos, serão indicados caminhos para aprofundar o estudo da realidade, e serão propostas ações e campanhas políticas para os comunistas intervirem em cada situação da luta de classes.

A nova situação política mundial desperta os novos comunistas para a luta revolucionária. Cabe aos comunistas revolucionários ajudar a nova geração a acessar as verdadeiras ideias do marxismo, se munir com a tradição e aprender as lições das vitórias e derrotas do passado. Essa é a tarefa a que se propõe a OCI e a Corrente Marxista Internacional (CMI). E “O Comunismo” é um instrumento para isso. Uma arma política para os novos comunistas agirem de forma revolucionária pelo comunismo, por um futuro de felicidade para a humanidade.



“PL dos aplicativos”: o governo Lula e a burocracia sindical na destruição da legislação trabalhista

LUÍS OTELO

Recentemente o governo Lula apresentou um projeto de lei complementar para regularizar o trabalho de motoristas de passageiros por aplicativos, tais como o Uber. Construído pelas mãos do governo, dos capitalistas e das centrais sindicais, o assim chamado “PL dos aplicativos” vem sendo propagandeado como um grande avanço em termos de direitos trabalhistas. Entretanto, esse discurso trata-se de uma grande mentira, sendo a realidade exatamente oposta. O “PL dos aplicativos” dá novos passos em favor dos interesses dos monopólios capitalistas internacionais, ampliando a destruição da legislação trabalhista e dando “segurança jurídica” às empresas que exploram os trabalhadores.

O texto do “PL dos aplicativos” consiste em acabar com qualquer possibilidade de avanço no reconhecimento legal dos trabalhadores por plataforma como trabalhadores regidos pela CLT. Assim, esses trabalhadores ficariam impedidos de acessar conquistas históricas da classe trabalhadora que ainda resistem ao horror sem fim capitalista, tais como a limitação da jornada de trabalho a 44 horas semanais e oito horas diárias, o direito a férias, o descanso semanal remunerado e o 13º salário.

Ao contrário disso, o governo Lula, as centrais sindicais e as empresas monopolistas oferecem aos trabalhadores a falácia do “traba-

lhador autônomo por plataforma”. Sob o argumento vulgar de que os “motoristas de aplicativo não querem a CLT”, o projeto garante apenas um valor mínimo de R\$ 32,10 por hora de trabalho, o que, descontando-se desse montante o custo médio do trabalhador, alcança uma renda líquida de apenas R\$ 8,02 por hora. Além disso, o projeto assegura que a jornada de trabalho seja contabilizada apenas enquanto o trabalhador estiver conectado ao aplicativo, e legaliza a jornada de 12 horas diárias. Ou seja, garante, acima de tudo, que os capitalistas se protejam contra ações trabalhistas pelo pagamento de horas extras.

Outra falácia do projeto é a de que os trabalhadores agora passariam a ter acesso à previdência. Os motoristas de aplicativos, em sua maioria, já contribuem e têm acesso à previdência através do sistema Microempreendedor Individual (MEI), ainda que de forma degradada. Sendo assim, o projeto em nada avança nesse sentido.



A essência de todo esse processo é uma reação do capital monopolista, contando com o apoio decisivo do governo Lula e da direção da CUT, contra os avanços econômicos e políticos que os trabalhadores por aplicativos têm conquistado em vários países. Tal como explicado por Marx em “Miséria da Filosofia”, as contradições do desenvolvimento capitalista “[...] provocam e favorecem as coalizões [de trabalhadores] e tão logo elas se tornam um fato econômico, assumindo dia a dia mais consistência, não podem tardar em se tornarem um fato legal”. Logo, em um cenário mundial em que avançam as lutas econômicas e a organização dos trabalhadores por aplicativos, cresce a pressão pelo reconhecimento legal de suas reivindicações. Assim, o que o “PL dos aplicativos” faz é confundir e traer a classe trabalhadora, buscando canalizar todo esse acúmulo de força para o lado inimigo.

A resposta dos comunistas, a fração mais avançada da classe trabalhadora, não pode ser outra senão um sonoro NÃO ao “PL dos aplicativos”. Derrotar essa manobra do governo e da burocracia sindical é avançar no fortalecimento da independência da classe trabalhadora. Assim, fortalecendo a luta e a organização independente do proletariado, faremos dessa reivindicação econômica um aríete contra as fortalezas do capitalismo e um elo transitório com a revolução social.



LEIA TAMBÉM:

Pelo fim da escala 6x1!
Pela redução da jornada de trabalho!
Pela vida além do trabalho!

As Cotas e seus Tribunais Raciais

MARCOS ANDRADE

Muitos setores ditos de esquerda fingem lutar contra o racismo, enquanto apunhalam pelas costas uma série de jovens negros. Eles defendem que esses jovens sejam barrados do acesso à universidade por tribunais raciais por não serem “negros o suficiente” para as vagas por cotas. São casos escandalosos como aqueles envolvendo as chamadas “Bancas de Heteroidentificação” na Universidade de São Paulo (USP).

O argumento para isso é a necessidade de barrar as “fraudes” das vagas por cotas. Dessa forma, instalam-se órgãos que avaliam fenotipicamente, tal qual os cientistas do racismo científico, com a única diferença que não usam pinças e paquímetros. Por meio de um curso de “Letramento para Bancas de Heteroidentificação”, membros da universidade se veem qualificados para atribuir uma raça a seres humanos.

É preciso entender a raiz do problema: as políticas afirmativas. Os tribunais raciais são uma medida de manutenção das políticas afirmativas, sendo apenas um sintoma do real problema. Essas políticas buscam integrar alguns poucos negros ao sistema capitalista através de algumas vagas em universidades ou cargos públicos. Enquanto isso, a maioria esmagado-

ra da nossa classe sofre as piores condições de estudo e emprego.

As cotas raciais não surgiram como uma reivindicação de negros trabalhadores, como tenta se apresentar hoje. As políticas afirmativas surgem com um ideólogo de direita do Partido Republicano dos EUA, Arthur Fletcher, com o Plano Filadélfia (1967). Ele propôs cotas raciais para empregos diante do problema do desemprego que atingia a maioria dos negros daquela cidade. Apenas se criava uma ilusão de que o racismo estava sendo combatido.

Na verdade, o racismo estava sendo estimulado. Primeiro por reforçar a distinção da sociedade em raças. Segundo por estimular a competição entre os negros trabalhadores, em vez de estimular a solidariedade: negros competem contra negros. Com as cotas, a disputa inevitável pela subsistência no capitalismo põe trabalhador contra trabalhador. E ainda reforça uma lógica meritocrática: agora que há reserva de vagas, a culpa não é dos capitalistas por faltar vagas para você, mas da sua suposta incompetência.

Não é à toa a relação do governo americano, da CIA e da Fundação Ford com a idealização e promoção das políticas afirmativas. Foi um golpe de mestre! Os capitalistas forjam um pequeníssimo setor de pequena-burguesia negra

na intelectualidade acadêmica e em cargos públicos. Agora poderiam se apresentar como “aliados” da luta contra o racismo, que os próprios membros da classe dominante são responsáveis por perpetuar.

Nós, comunistas, concordamos com Malcolm X quando dizia que lutamos para derrubar o sistema, não para integrá-lo. Não buscamos a formação de uma pequena burguesia negra. Queremos a derrubada de toda a burguesia e do regime podre de classes. Se a burguesia não pode fornecer aquilo que ela própria propunha em seu período áureo, educação digna para todos os seres humanos, então que ela seja derrubada!

O período que vivemos do capital imperialista é incapaz de fornecer condições de vidas aos trabalhadores, impondo cada vez mais o desemprego, a inflação e a destruição dos serviços públicos, afetando, em especial, a parcela negra da classe trabalhadora.

Não serão políticas afirmativas e tribunais raciais que combaterão o racismo. Aliás, raças humanas não existem, e isso já foi comprovado pela ciência. O que permite acabar com as bases do racismo são a luta pelo pleno emprego, escalas móveis de salário, redução do tempo de trabalho, o fim da polícia militar e vagas para todos, da creche à universidade.



LEIA TAMBÉM:

Negritude: uma herança romântica da esquerda identitária

Seis dias de teoria, palestras e discussão

A Corrente Marxista Internacional (CMI) sediará, de 10 a 15 de junho, a Escola Mundial do Comunismo. Serão seis dias de palestras e discussões nos quais também lançaremos a Internacional Comunista Revolucionária!

Em todo o mundo, os comunistas estão elegendo delegados que participarão presencialmente deste evento na Itália. Além disso, todas as palestras serão transmitidas online e você poderá vê-las ao vivo ou acompanhar as gravações no final do dia. Inscreva-se agora com o *QR Code*!

No primeiro dia (10/06), Alan Woods apresentará o lançamento da nova Internacional Comunista Revolucionária (ICR), e comentará o Manifesto da nova organização, que será discutido e votado pelos delegados. Você pode acessar o manifesto também via *QR Code*.

No último dia (15/06), Hamid Alizadeh fará um relatório sobre o incrível trabalho dos comunistas em todo o mundo no período recente e explicará nossos planos para o futuro.

Ao longo da semana teremos 18 palestras, sendo três palestras simultâneas por período (manhã, tarde e noite). Uma equipe de tradutores brasileiros está se preparando para garantir que todo esse conteúdo possa ser acessado pelos inscritos brasileiros.

Além disso, para cada assunto da Escola Mundial do Comunismo há uma lista de leitura indicada para preparar os inscritos. Você pode acessar esse conteúdo traduzido: as indicações de como achá-lo em português estão disponíveis na seção especial sobre o evento em nosso site: marxismo.org.br.

Confira os temas e datas da Escola Mundial do Comunismo e anote na sua agenda as sessões de que quer participar! Os períodos indicados são no horário de Brasília, por causa do fuso horário. E não deixe de se inscrever pelo *QR Code*.



Confira a programação:

DIA 1 - 10/06 (sessão única)

- Lançamento da Internacional Comunista Revolucionária

DIA 2 - 11/06 (1ª sessão)

- A necessidade de uma filosofia revolucionária: materialismo dialético
- Revolução mundial ou socialismo em um só país;
- A Revolução Russa: o maior evento da história da humanidade

DIA 2 - 11/06 (2ª sessão)

- Por que precisamos de uma teoria da história: materialismo histórico
- A luta contra a opressão – Unidade da classe trabalhadora ou políticas identitárias?
- Comunistas e a questão nacional

DIA 3 - 12/06 (1ª sessão)

- O que é capitalismo? – Uma introdução à economia marxista
- Lênin e Trotsky: O que eles realmente defenderam
- Os Bolcheviques no poder

DIA 3 - 12/06 (2ª sessão)

- Dialética

DIA 4 - 13/06 (sessão única)

- Como os comunistas podem conquistar as massas?
- Como o Partido Bolchevique foi construído
- Como a Internacional Comunista foi construída

DIA 5 - 14/06 (1ª sessão)

- O que é o imperialismo?
- O comunismo realmente falhou?
- O que está por trás do “populismo de direita” e como lutamos contra ele?

DIA 5 - 14/06 (2ª sessão)

- Guerra e revolução: uma abordagem leninista
- Comunismo significa burocracia?
- Comunistas e o Estado

DIA 6 - 15/06 (sessão única)

- Construindo o partido revolucionário



Por que vamos fundar a Internacional Comunista Revolucionária?

CAIO DEZORZI

Para os comunistas, as questões do internacionalismo e da organização operária já estão muito claras desde Marx e Engels, que dedicaram suas vidas para dotar o proletariado internacional de organização revolucionária. Mas foi Lênin a nos deixar as lições mais completas sobre essas questões com o exemplo prático da Revolução de Outubro e da fundação da Internacional Comunista.

Não é possível hoje se dizer “comunista” sem reconhecer esses ensinamentos históricos. Para ser comunista, qualquer indivíduo deve estar organizado em organização revolucionária, em partido. E qualquer organização ou partido que seja digno de reivindicar o comunismo deve ser internacionalista, combater pela superação do capitalismo pelo comunismo em todo o mundo. E ser internacionalista não é mera profissão de fé. É necessário construir organização internacional.

Marx e Engels fundaram a 1^a Internacional em 1864 e a dissolveram em 1876. Engels fundou a 2^a Internacional em 1889. Lênin a declarou morta para a causa do comunismo em 1914, quando a sua direção capitulou diante da pressão nacionalista da 1^a Guerra Mundial. Lênin e Trotsky fundaram a 3^a Internacional em 1919, após a Revolução de Outubro.

A Internacional Comunista nos deixou os mais preciosos ensinamentos do comunismo revolucionário internacionalista nos seus primeiros cinco anos de vida. Mas a degeneração burocrática que triunfou sobre a Revolução Russa, isolada após a morte de Lênin, degenerou também a Internacional, que acabaria sendo a responsável pela derrota da revolução chinesa em 1927, por permitir a ascensão dos nazistas na Alemanha em 1933, bem como o triunfo de Franco na Guerra Civil

espanhola e finalmente foi dissolvida formalmente por uma caneta de Stalin em 1943, durante a 2^a Guerra Mundial.

Trotsky ainda batalhou pela continuidade do comunismo internacionalista, organizando a Oposição de Esquerda Internacional e depois fundando a 4^a Internacional em 1938. Mas depois de ser assassinado por um agente stalinista em 1940, a inexperiente direção que sobrevive à 2^a Guerra Mundial comete tantos erros que destrói a organização fundada por Trotsky.

O proletariado internacional carece de um partido internacional. As massas proletárias, em um país após o outro, buscam uma saída deste beco de exploração, opressão, violência e miséria ao qual o capitalismo conduziu a humanidade. Em sua busca por essa saída, as massas realizam verdadeiras revoluções. Mas, sem um partido que se baseie no socialismo científico que seja capaz de dirigir a revolução em cada país, todo o esforço revolucionário das massas resulta na derrubada de um governo aqui, algumas mudanças num regime ali, e ao final tudo volta ao leito da sociedade capitalista.

Em todos os países falta este partido de que o proletariado necessita. Mas esses partidos não surgirão espontaneamente. Eles devem ser o resultado da compreensão das lições da luta de todo o proletariado mundial. E para aprender, sistematizar e aplicar essas lições, se faz necessária uma verdadeira Internacional Comunista de massas.

Nossa decisão de fundar uma Internacional Comunista Revolucionária a partir das forças diminutas que temos de alguns milhares de quadros comunistas diante do tamanho do proletariado mundial é a ajuda que podemos dar agora, é a nossa parte, um passo para a reconstrução de uma Internacional Comunista de massas digna deste nome.



CONFIRA

Manifesto da
Internacional
Comunista
Revolucionária

Para fazer a nossa parte, nos dirigimos a cada jovem trabalhador que já não suporta mais esta sociedade sem perspectiva de futuro e lhe dizemos: Venha fundar a Internacional Comunista Revolucionária em 15 de junho deste ano e vamos construir e desenvolver as forças do comunismo mundial. Estamos em guerra, uma guerra de classes. Junte-se aos pelotões mais avançados do exército da nossa classe!

45º congresso da UBES: romper com o governo Lula e organizar a luta pelo #RevogaNEM

LUCY DIAS

Dos dias 16 a 19 de maio, em Belo Horizonte, acontece a 45ª edição do Congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, o Conubes. No último evento, a campanha central, encabeçada pela entidade, orientava os secundaristas a partir dos 16 anos a tirar o título de eleitor para “defender a democracia” e “derrotar” Bolsonaro nas urnas. Tratava-se de uma política de ilusões, instituições políticas falidas e de silêncio frente à aplicação do Novo Ensino Médio (NEM) por Bolsonaro.

Neste ano, o Conubes deve escolher entre adotar uma luta consequente pela Revogação do NEM ou continuar apoiando o governo Lula-Alckmin. Essas posições são incompatíveis, já que o governo Lula se recusou a revogar o NEM, manobrando com a Consulta Pública, e elaborou um novo projeto de lei que manteve o ataque central: a privatização da escola pública.

A Ubes, dirigida pela União da Juventude Socialista (UJS-PCdoB), segue apoiando a política do

governo Lula. As resoluções do Conselho de Entidades Gerais da Ubes, o Coneg, apontam para uma UBES que “cumpre um papel estratégico no êxito do governo”, o que significa bloquear qualquer enfrentamento dos estudantes contra Lula. Prova disso é o impasse sobre o novo projeto de lei para o NEM que está em discussão no Congresso Nacional.

Nele há novos e graves ataques aos estudantes secundaristas. Por exemplo, o tempo de trabalho do estudante é considerado como carga horária letiva no Ensino Médio Integral, além de não haver nenhuma crítica ao modelo atual de Ensino Integral, que é excludente. Esse novo ataque sequer é mencionado e pior ainda: fazem a defesa explícita das parcerias público-privadas no Ensino Integral.

Essa política é inaceitável. A juventude secundarista necessita de uma política revolucionária para enfrentar os graves problemas da educação. Na prática, significa uma ruptura com o governo pró-capital de Lula e com a política submissa da direção da Ubes, através da continuidade da luta para revogar o NEM, pelo fim dos vestibulares e pelo fim do pagamento da dívida interna e externa. O pagamento dos juros da dívida segue sendo prioridade no Orçamento 2024 de Lula e Haddad, estrangulando a educação e os serviços públicos.

Para enfrentar a política adaptada da direção Ubes é preciso estar organizado. Junte-se à Juventude Comunista Internacionalista e organize, em sua escola, ações e discussões em defesa desse programa revolucionário para a educação.



ASSISTA A ENTREVISTA

Os comunistas e a luta pelo fim do massacre na Faixa de Gaza

Dois Estados é a solução?

CHICO AVIZ

O imperialismo intervém na região da Palestina histórica desde 1917, quando o poder britânico considerou-a como “lar nacional para o povo judeu”. A partir de 1948, após a 2ª Guerra Mundial, para suposta reparação histórica, os imperialistas e os sionistas, apoiados por Stalin, aprofundam suas ações fundando o Estado de Israel. Os sionistas, radicalizando esse aval internacional, promoveram o Nakba, a grande catástrofe para mais de 700 mil palestinos expulsos de seus espaços.

Evidentemente, tais ingerências obtiveram enormes respostas do povo palestino. Mesmo antes, entre 1936-39, realizaram a Revolta Árabe e, posteriormente, a construção da Organização pela Libertação da Palestina (OLP) em 1964, a Guerra dos Seis Dias de 1967 e as Intifadas, luta de massas trabalhadoras, em 1988 e 2000.

Entretanto, em 1993, traendo seu programa original, a OLP liderada por Yasser Arafat capitulou ao imperialismo e aderiu à farsa dos Dois Estados nos Acordos de Oslo. O Estado teocrático, armado e financiado pelos EUA, massacra os palestinos e restringe-os ao governo fantoche da Autoridade Palestina e a territórios descontinuados. Como auxiliares deste massacre ao povo palestino, estão a maioria das organizações e partidos de esquerda que abraçam essa ideia como “solução”.

A solução dos dois Estados, como continuidade dos Acordos de Oslo, significa a permanente opressão e a continuidade do banho de sangue como ocorre no atual massacre de Israel contra a Faixa de Gaza.

Para nós, comunistas internacionalistas, a solução passa pela destruição do Estado teocrático de Israel e o estabelecimento de um Estado único, laico e democrático em toda a Palestina histórica! Essa é uma tarefa a ser realizada pela classe trabalhadora da Palestina e de Israel, com o apoio da juventude e dos trabalhadores do mundo.



LEIA TAMBÉM O ARTIGO:

De pé a jovem guarda:
UNE e UBES da fundação à
degeneração





O que é o comunismo?

JOHANNES HALTER

O comunismo é a doutrina das condições de libertação do proletariado”, foi a resposta curta e grossa de Friedrich Engels.

Essa e outras ideias foram apresentadas na forma de perguntas e respostas em um texto chamado “Princípios Básicos do Comunismo”. É uma indicação de leitura curta e muito importante para todo novo comunista. Então, deve ser o próximo item em sua lista de leituras.

Para dar um gostinho, vale listar aqui algumas outras perguntas respondidas por Engels:

“O que é o proletariado?”, “Como se diferencia o proletário do escravo?”, “Quais foram as consequências imediatas da revolução industrial e da divisão da sociedade em burgueses e proletários?”, “O que é que resulta dessas crises comerciais que se repetem regularmente?”, “De que tipo será esta nova ordem social?”, “Será possível a abolição da propriedade privada por via pacífica?”, “Será possível abolir a propriedade privada de um só golpe?”, “Poderá esta revolução realizar-se apenas num único país?”, “Quais as consequências da abolição final da propriedade privada?”, “Que influência exerce a ordem social comunista sobre a família?”, “Qual a atitude dos comunistas face aos restantes partidos políticos do nosso tempo?”.

Pode-se ver por essas perguntas que o texto não envelheceu nada. Afinal, até hoje os comunistas precisam responder questões parecidas a todo momento. Lendo as respostas, todo comunista vai ter uma base sólida para responder reformistas, anarquistas e stalinistas.

Vamos ver a explicação sobre como será o comunismo. Engels argumenta que nessa sociedade o funcionamento da grande indústria e da produção em geral será feito por toda sociedade. E acontecerá a partir de um planejamento, do qual participarão todos os membros da sociedade. Ao invés da competição, a base da sociedade será a associação.

Sobre a possibilidade de abolir a propriedade privada de um só golpe, a resposta dada por Engels é não. O proletariado pode tomar o poder político por uma revolução. Mas as mudanças que deve fazer nas bases da sociedade precisam de um processo mais ou menos longo.

Essa transição é detalhada por Marx em sua “Crítica do Programa de Gotha”. Ele explica que a sociedade comunista sai da sociedade capitalista, e por isso traz de nascença as marcas econômicas, morais e espirituais da velha sociedade. Essa seria uma fase inferior da sociedade comunista, que também é chamada de socialismo.

Portanto, o comunismo também pode ser entendido como um estágio da sociedade em que tenham sido eliminadas as classes sociais, quando o fruto do trabalho passar a ser apropriado pelos próprios produtores, e que a riqueza e a abundância coletiva sejam realidade para todos.

“De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades”. Esse é o lema apresentado por Marx ao visualizar essa sociedade futura.

O texto de Engels “Princípios Básicos do Comunismo” foi um rascunho a partir do qual Marx e Engels escreveram o Manifesto Comunista. Todas as ideias do primeiro texto estão pre-

sentes e desenvolvidas no segundo. Mas há muito mais. Por isso, deve ser o segundo item na lista de leitura de todo novo comunista.

O “Manifesto Comunista” traz uma explicação histórica sobre como se formou a sociedade capitalista e por que ela precisa ser destruída. Além disso, propõe diretrizes e um programa para agir na luta de classes. O objetivo dos comunistas é a constituição do proletariado em classe, a derrubada da burguesia e a conquista do poder político pelo proletariado. Eles têm sua vantagem na teoria e representam os interesses gerais e internacionais do proletariado.

Podemos, portanto, entender o comunismo em pelo menos três sentidos. O comunismo como a teoria revolucionária do marxismo, que serve ao proletariado para alcançar sua emancipação. Também pode ser identificado como o estágio superior da nova sociedade, alcançado depois do socialismo. E, por fim, o comunismo pode ser entendido como o próprio movimento político revolucionário inaugurado por Marx e Engels com o “Manifesto Comunista”.

PARA A LISTA DE LEITURAS



'Princípios Básicos do Comunismo' de Engels



'Manifesto do Partido Comunista' de Marx e Engels



ARTIGO INDICADO

Argentina: Balanço da greve geral de 24 de janeiro



SÉRIE ESPECIAL

Ditadura Nunca Mais:
60 anos do golpe militar no Brasil



O governo Milei e a ditadura militar na Argentina

EDEGARDO FREITAS

No dia em que milhares de Argentinos tomaram a Praça de Maio em Buenos Aires para relembrar os 48 anos do golpe militar, 24 de março, o governo Milei publicou um vídeo negando a existência da ditadura militar no país. A versão sustentada por Milei desde as eleições é de que não houve ditadura, mas sim uma guerra contra guerrilheiros. Fato é que mais de 30 mil pessoas foram assassinadas ou capturadas pelo regime e mais de 500 crianças foram sequestradas por agentes da ditadura.

Estas e outras atrocidades cometidas pelo estado argentino, como os voos que arremessavam presos políticos ainda vivos no Rio da Prata, também contaram com a atuação direta de empresários. Entre os mais de 1.000 condenados pelos crimes da ditadura, estão executivos responsabilizados pela repressão, sequestro e assassinato de trabalhadores sindicalizados nas suas empresas. Certamente há muitos outros casos a serem descobertos, afinal assim funcionavam as ditaduras militares que varreram a América do Sul na segunda metade do século passado. Está comprovado que o imperialismo patrocinou com re-

cursos financeiros e técnicos os regimes militares, contando com a colaboração da burguesia de cada país.

Assim como ocorreu no Brasil em 1964, o regime inaugurado na Argentina em 1976 foi o expediente utilizado pela burguesia a fim de implementar reformas contra a classe trabalhadora e conter a sua resistência. A burguesia argentina apenas recorreu a esta alternativa porque, em seu terceiro mandato, o peronismo foi incapaz de reproduzir o papel bonapartista que pôde desempenhar durante a retomada econômica do pós-guerra.

Nos anos 1940 e 1950, quando Perón assume pela primeira vez, a Argentina havia sido beneficiada como produtora de carne e grãos para os mercados europeu e americano, o que permitia concessões à classe trabalhadora. O cenário dos anos 1970 era o oposto. A burguesia necessitava cortar direitos da classe trabalhadora e atrair o capital dos países imperialistas. Sem poder fazer concessões, era necessário reprimir e derrotar as organizações de massas.

O governo Milei, tal qual Bolsonaro e Trump, é uma resposta da burguesia diante da polarização social sob o capitalismo. A vitória de Milei foi o episódio agonizante de um longo processo de falênc-

cia dos partidos de direita e do peronismo contemporâneo, demonstrando uma dificuldade da burguesia em encontrar uma alternativa segura. Longe de representar uma “derrota cultural”, ou a vitória do fascismo sobre a classe trabalhadora, a vitória de Milei expressou apenas uma descrença generalizada nas instituições da burguesia.

Porém, agora a burguesia e seu novo governo Milei estão diante de uma nova geração da classe trabalhadora argentina. Uma geração que, não tendo sido derrotada como as do passado, agora começa a se aquecer para lutar contra este demagogo de direita. Apesar da desmobilização da burocracia sindical e da ameaça de repressão do protocolo Bullrich, milhões de trabalhadores argentinos têm tomado as ruas contra os ataques deste governo, incluindo até uma greve geral em 24 de janeiro.

Engana-se quem pensa que a classe trabalhadora só se move por “questões econômicas”. A juventude e os trabalhadores argentinos mostram que a disputa da verdade histórica e por justiça pelos crimes da ditadura argentina também pode ser um motor da luta de classes. Assim, enquanto a burguesia e seus agentes tentam fazer uma revisão da sua história, para justificar seus atos e apagar seus crimes, os trabalhadores conscientes e os comunistas lutam para fazer prevalecer a verdade histórica, como uma das batalhas da atual guerra de classes.

“Uma situação em que todos ganham”? Os capitalistas e seus meios de destruição

IAGO SARTORI PAQUI



“Se olharmos para os investimentos que fizemos na defesa da Ucrânia para lidar com esta agressão, vemos que 90% da assistência de segurança que fornecemos foi, na verdade, gasta aqui nos Estados Unidos com os nossos fabricantes, com a nossa produção, e isso produziu mais empregos americanos, mais crescimento na nossa própria economia. Portanto, esta também foi uma situação em que todos ganham e que precisamos continuar.”

Vários líderes europeus têm se manifestado publicamente sobre a necessidade de a Europa se preparar para a guerra. Essa retórica alarmante é utilizada para justificar o aumento de seus gastos militares. A Aliança do Atlântico Norte (Otan) definiu como meta que seus membros gastem 2% do PIB em defesa. Analistas defendem ser necessário chegar a 4% pelo menos para conter a Rússia, que por sua vez investe 4,4% em defesa.

O relatório do *Federal Reserve* demonstra que, em 2023, tanto a produção de armamentos quanto a produção de alta tecnologia ligada à área da “defesa” foram as responsáveis por manter a economia dos EUA em equilíbrio. Os dados mostraram que, enquanto a produção normal de mercadorias cai constantemente, os gastos de guerra crescem em uma escala inédita na história. Por isso é tão significativa a declaração dada pelo Secretário de Estado dos EUA Antony Blinken:

Se depender dos capitalistas dos EUA e do mundo, a “situação em que todos ganham” vai continuar. Rosa Luxemburgo observou que, em seu estágio imperialista, o capitalismo lança mão de meios de destruição para gerar mais-valia. É o que ela definiu como departamento 4 da reprodução social capitalista, incluindo aí as armas, as munições, os equipamentos e tudo aquilo voltado para destruição. Esse departamento é tão especial porque essas mercadorias têm como valor de uso a própria queima de capital (e seres humanos, cidades, natureza etc.).

Estamos, portanto, testemunhando a surpreendente confirmação do marxismo como teoria para entender o mundo. Só o marxismo consegue fornecer uma explicação sólida para o motivo da escalada de conflitos e guerras regionais pelo mundo: os golpes no Níger e no Mali apoiados pela Rússia contra os interesses do imperialismo francês; os conflitos no Sudão e na Nigéria; o conflito por Na-

gorno Karabakh entre a Armênia e o Azerbaijão; os incidentes na fronteira entre a Índia e o Paquistão, entre a Índia e a China; a disputa naval no mar da China.

Dentre todas essas empreitadas destrutivas da classe dominante, a mais escandalosa: o anúncio imobiliário compartilhado por Harey Zahav, “especialista” em imóveis na zona ocupada da Cisjordânia, com a mensagem: “uma casa na praia não é apenas um sonho”.

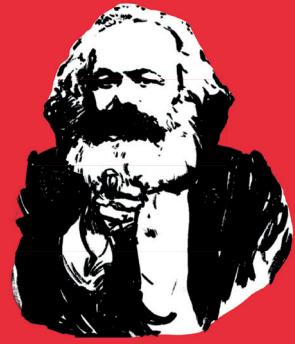
Contudo, a burguesia tem um obstáculo para o quanto pode se valer dos meios de destruição para gerar mais-valia. Isso porque as mercadorias do departamento 4 não têm serventia para 99% da população. Entra na equação a opinião e a resistência oferecida pela classe trabalhadora diante do aumento das guerras e da barbárie provocada pelos capitalistas.

Por isso, os EUA se abstiveram na votação que aprovou uma resolução por cessar-fogo na Faixa de Gaza, no Conselho de Segurança da ONU. Esse é o motivo de o primeiro ministro “comunista” Pedro Sánchez, da Espanha, pedir aos seus colegas da Otan para que “parem de falar em guerra”, porque “as pessoas não querem se sentir ameaçadas”.

Se depender da burguesia, a guerra e os meios de destruição serão a tônica do futuro próximo, apesar do lamento dos reformadores do capitalismo. Essa, também, é a maior prova de que este modelo de sociedade não tem serventia para a humanidade, e deve ser destruído pela classe trabalhadora.



Você é comunista? Então organize-se!



RENNAN VALERIANO

Se você é comunista, significa que quer destruir o capitalismo e lutar pelo comunismo. Mas para que possamos realizar essa “pequena” tarefa, existe um único meio possível: se organizando politicamente! Para que possamos pôr abaixo esse sistema de exploração, miséria e opressão, não é suficiente o mero movimento espontâneo das massas que as leva a entrar em conflito com a classe dominante.

Karl Marx explicou que sem organização a classe trabalhadora não passa de matéria prima para a exploração capitalista. As várias formas de organização política dos trabalhadores (associações, sindicatos, centrais, partidos políticos etc.) correspondem a diferentes níveis de consciência de classe.

Uma organização comunista digna desse nome deve carregar a memória e as lições das lutas dos trabalhadores, concentradas na forma de seu programa político e da teoria. Dessa forma ele pode ser a expressão consciente do movimento inconsciente das massas trabalhadoras. É por isso que a organização política é tão importante, e dela depende o sucesso da revolução.

Estar organizado significa, em primeiro lugar, apoiar o programa da revolução comunista. Isso é feito agindo na luta de classes. Essas ações e o que os comunistas defenderão são definidos em reuniões semanais. Entre essas atividades estão a venda do jornal “O Comunismo”, panfletagens, colagem de cartazes e a participação em manifestações e lutas onde defenderemos as ideias comunistas. Tudo isso tem custos e os próprios comunistas sustentam sua organização, para garantir sua independência financeira e política.

Muitos jovens e trabalhadores que se definem comunistas alegam a falta de tempo como um empecilho para se organizar. E este é realmente um grande problema. Especialmente em um momento em que a burguesia impõe a jornada 6x1, formato PJ de relação de trabalho, terceirização e diversas formas de superexploração.

A falta de tempo, porém, afeta todos os trabalhadores e seus filhos. O lazer e a preguiça são privilégios dos capitalistas. Não deixe que isso se torne um empecilho para se organizar e lutar contra o capitalismo! Faça disso uma motivação a mais para se organizar e destruir de uma vez por todas esse sistema.

Se organizar como comunista significa sacrificar parte do que sobra do seu tempo para construir um futuro de felicidade para a humanidade. Não pode haver atitude mais nobre e satisfatória para um trabalhador com consciência de classe.

Trata-se de uma decisão que precisa ser tomada por cada um. A dialética ensina que a maior liberdade é reconhecer as necessidades de uma época e somar voluntariamente sua ação, para fazer da necessidade uma realidade.

Pode-se dizer, portanto, que não há maior liberdade do que decidir se organizar como comunista. É isso que jovens e trabalhadores do mundo todo estão fazendo ao se somarem na campanha mundial da CMI “Você é Comunista? Então organize-se!”. Esse também é o significado de se organizar com a Organização Comunista Internacionalista (OCI) no Brasil.

4 PASSOS DE UM COMUNISTA ORGANIZADO

- 1** ... **Acessar o QR Code e juntar-se a nós**
- 2** ... **Colar cartazes e adesivos na sua região**
- 3** ... **Encontrar outros comunistas para construir células comunistas**
- 4** ... **Ler o jornal “O Comunismo” e apresentá-lo para mais pessoas**

ORGANIZE-SE!
Preencha o formulário e junte-se
à Organização Comunista
Internacionalista

